

PODE HAVER INCLUSÃO TÉCNICA E SOCIAL ATRAVÉS DAS MIXED MARTIAL ARTS?

CAN THERE BE BOTH TECHNICAL AND SOCIAL INCLUSION THROUGH MIXED MARTIAL ARTS?

¿PUEDE HABER INCLUSIÓN A TRAVÉS DE LAS MIXED MARTIAL ARTS?

Ricardo Cortez Lopes¹

 10.21665/2318-3888.v7n13p156-179

RESUMO

As artes marciais mistas (em inglês, MMA) nascem da mistura, do desejo de romper as barreiras entre as artes marciais, que já eram tradicionalmente estabelecidas até o momento da criação desta modalidade. Assim, o MMA pretende promover uma mistura destas em um estilo próprio. Partindo dessa premissa, cabe um questionamento: essa origem híbrida permite que haja a inclusão de atletas de alto rendimento com diferentes perfis corporais? Isso é aplicável para indivíduos com deficiência (PcD) e indivíduos com depressão? O objetivo é responder a essa problemática de pesquisa observando duas manifestações empíricas: a inclusão técnica através da prática de alguns atletas e a inclusão pelo reconhecimento social. Na primeira frente de dados, foram investigados 3 casos: Nick Newell, Rose Namajunas e Matt Hammil, atletas de alto rendimento e que já discutiram publicamente suas características, acessando suas experiências por via de entrevistas concedidas a sites com bastante relevância; já na segunda frente há uma investigação através do estudo de comentários de internautas, postadas em notícias na internet relacionadas aos sujeitos dos três casos, selecionados por via de saturação. A análise agiu por indicadores, encontrando os conceitos construídos pelo corpus de maneira espontânea. Nossa conclusão é que a inclusão técnica acontece, mas que o reconhecimento social é condicionado à construção de uma narrativa de superação pessoal.

Palavras-chave: Inclusão. Mixed Martial Arts. Reconhecimento. Nick Newell. Matt Hammil. Rose Namajunas.

¹ Doutorando em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: rshicardo@hotmail.com.

ABSTRACT

Mixed martial arts (MMA) are born out of the mix, the desire of breaking down barriers among martial arts, traditionally established barriers until the emergence of that modality. Thus, MMA aims to promote a mix of those in their own style. Considering this premise, the question arises: does the hybrid origin allows the inclusion of high performance athletes with different body profiles? Does this apply to individuals with disabilities (PwD) and individuals with depression? The objective is to answer this research problem by observing two empirical manifestations: the technical inclusion through the practice of some athletes and the inclusion through the social recognition. On the first data front, three cases were investigated: Nick Newell, Rose Namajunas and Matt Hammil, high performance athletes who have already publicly discussed their characteristics, accessing their experiences through interviews with very relevant sites; on the second front, we promote an investigation through the study of comments from internet users, posted after internet news related to the subjects of the three cases, selected by saturation. The analysis occur over indicators, finding the concepts built by the corpus spontaneously. Our conclusion is that technical inclusion happens, but that social recognition is conditioned to the construction of a self-improvement narrative.

Keywords: Inclusion. Mixed Martial Arts. Recognition. Nick Newell. Matt Hammil. Rose Namajunas.

RESUMEN

Las artes marciales mixtas nacen de la mezcla, del deseo de romper las barreras entre las artes marciales que tradicionalmente se establecieron en el momento de la creación de esta modalidad de actividad humana. Por lo tanto, MMA tiene como objetivo crear una mezcla de partes interesadas y un estilo propio, que ha cambiado con el tiempo. Desde esta premisa, la pregunta es: ¿este origen híbrido permite la inclusión de personas con discapacidades (portadores de otras configuraciones corporales) y personas con trastornos mentales en su práctica? Se podría ir más allá: ¿es posible atletas de alto rendimiento con estas características? Buscamos responder a estos problemas observando dos aspectos: si existe una posible inclusión técnica en la práctica (esto se logra a través del estudio de tres casos: Nick Newell, Rose Namajunas y Matt Hammil) e inclusión a través del reconocimiento social (investigado a través del estudio de comentarios por Usuarios de Internet, publicados en noticias en Internet). Nuestra conclusión es que la inclusión técnica ocurre, pero que el reconocimiento está condicionado a la construcción de una narrativa de superación personal.

Palabras clave: Inclusão. Mixed Martial Arts. Reconocimiento. Nick Newell. Matt Hammil. Rose Namajunas.

Introdução

A relação entre *Mixed Martial Arts* (MMA) ou Artes Marciais Mistas (em português) e inclusão social já é um assunto bem explorado do ponto de vista econômico (MAIS NEWS, 2016), porque o MMA, nesse caso, atua como um esporte e consegue trazer algum tipo de ascensão social através dele. Nossa proposta, neste artigo, é de pensar se o MMA, considerado como uma prática social híbrida, é passível de gerar outro tipo de inclusão: a das pessoas com deficiência (PcD) – em especial a física – e com depressão. Para refletir sobre essa relação, vamos primeiramente definir os interagentes e depois realizar estudo de múltiplos casos e de sua repercussão para verificar se, na prática, houve a inclusão.

Ressaltamos que se trata de inclusão em dois níveis de análise: (1) o primeiro se refere à possibilidade de prática do esporte profissional em alta performance, percebido através de depoimentos dos atletas envolvidos. Já o (2) se trata da inclusão a nível social de reconhecimento (HONNETH, 2013), no sentido de uma aceitação das potencialidades do outro naquela atividade, o que foi coletado a partir de comentários de internautas.

A metodologia desse estudo foi baseada em análise documental, cujo *corpus* analítico foi selecionado a partir de publicações *online*. Para investigar a questão da inclusão técnica, foram selecionados 3 casos: Nick Newell (amputação congênita), Rose Namajunas (depressão) e Matt Hammil (surdez), atletas de alto rendimento e que já discutiram publicamente suas características – foram acessadas entrevistas concedidas a sites de esportes. Ou seja: não tivemos contato direto com os atletas, foram coletadas entrevistas realizadas a partir de roteiros de jornalistas, os quais fizeram perguntas sobre o assunto geral do artigo; já acerca da questão do reconhecimento social, foi procedido um estudo de comentários de internautas, tanto nos sites das entrevistas quanto em blogs e notícias que ressaltaram essas características dos lutadores, cujos textos foram selecionados por via de saturação. A análise agiu por indicadores *a posteriori*, encontrando-se os conceitos de inclusão a partir do próprio *corpus* da pesquisa.

1. O híbrido MMA: Esporte ou arte?

O esporte em geral, tal como prática social que é, pode ser direcionado para ser inclusivo, uma vez que ele naturalmente se trata de um jogo cujas regras podem ser flexibilizadas até certo ponto para aproximar diferentes perfis de jogadores. Todavia, quando nos referimos a um esporte de alto rendimento, já se estabelece, em teoria, um elitismo: apenas os melhores naquela prática podem dele participar e, por esse motivo, despertar mais atenção do seu público e receber as melhores remunerações. No MMA há um complicador, que é a própria possibilidade de ele não ser considerado um esporte: por incorporar artes marciais, isso faz a modalidade tratar-se de um híbrido entre estas artes e o esporte, o que abre espaços para dúvidas em sua conceituação já de saída:

Identificado como uma prática esportiva caracterizada pelo emprego de técnicas oriundas de diversas artes marciais e de esportes de combate, o MMA (Mixed Martial Arts ou Artes Marciais Mistas) tem conquistado um espaço privilegiado no universo cultural das lutas, sobretudo a partir de sua ampla divulgação na mídia esportiva, promovida, em grande medida, pelo Ultimate Fighting Championship (UFC), a maior organização de MMA do mundo (GRESPLAN, GOELLNER, 2014: 1265).

Nesta definição podemos encontrar as categorias “prática esportiva” e “artes marciais”, misturadas de um jeito que não se trata da mera soma entre as partes, mas sim da produção de uma terceira experiência. Neste momento, podemos avançar para essas conceituações, a começar pela de arte marcial:

A palavra “marcial” é oriunda do Deus da guerra [romano], Marte, portanto, “arte marcial” possui o sentido de “arte da guerra”. Sendo assim, são consideradas artes marciais aquelas modalidades cuja criação tem uma finalidade bélica. Naturalmente, com a criação das armas de fogo, o uso de sistemas de luta corporal na guerra foi se tornando cada vez mais obsoleto, porém, estas modalidades ainda são chamadas de artes marciais (DIFERENÇAS, s/d).

É interessante notar que há tempos atrás, como no renascimento, o vocábulo “arte” era empregado no sentido de técnica. Nesse caso, haveria apenas a domesticação dos movimentos corporais para a melhora do desempenho em uma situação de conflito. Todavia, a arte parece estar significada no sentido oriental – mais especificamente no asiático – e nesse caso o sentido passa a ser outro, mais filosófico do que técnico:

A influência da filosofia nas artes marciais se deu na medida em que adeptos das várias escolas filosóficas também as praticavam para a sua segurança. Mas poucos de fato levavam sua filosofia a sério e eram avessos à violência. A grande

maioria não conseguia praticá-las, seguindo-as apenas quando lhes convinha, o que faz cair por terra o mito de que todo monge de Shaolin era bonzinho e virtuoso. Exemplo disso é que Boddhidharma morreu envenenado (MARANA, 2016).

Por essa razão, a domesticação dos gestos corporais tem ligação direta com uma extensa rede de valores filosóficos, pois a prática permite justamente a interiorização dos ensinamentos da filosofia. Ou seja: não está envolvida uma motivação financeira (como pode acontecer no esporte de alto rendimento), mas sim uma auto realização pessoal e incomensurável de indivíduo para indivíduo. Nesse caso, existe a domesticação dos movimentos e a filosofia coabitando na mesma prática, um justificando o vir-a-ser do outro de maneira sistemática e holística. É importante ressaltar que isso seria um valor completamente oposto ao esporte, porém alguns atletas mostram publicamente que se identificam mais com essas ideias e isso poderia ser explicado pela maior aceitação social desses valores orientais por conta do processo que Campbell (1997) denominou como orientalização do ocidente.

O esporte compartilha com a arte marcial a questão da domesticação do corpo, mas as regras são ditadas por ele próprio e não por uma filosofia que lhe dá base e justificativa. Além do mais, a recompensa também é externa e pode ser financeira ou baseada em uma distinção de outros atletas:

1) ter regras fixas; 2) a subordinação dessa prática a algum órgão oficial; 3) é uma atividade competitiva; 4) o atleta está sempre em busca de um tipo de recompensa maior do que o prazer de praticar o esporte: ele é um profissional que ganha a vida (ou pretende ganhar, no caso de atleta amadores) por meio do esporte, seja com patrocínio ou com os prêmios dados nas competições (RONDINELLI, s/d).

Por essa razão a prática do esporte abre a possibilidade deste ser espetacularizado, pois agentes externos – como patrocínios, premiações e apostas – estão implicados no desempenho do participante. Todos esses elementos tornam necessárias regulamentações que garantam a justiça da competição, pois é isso que vai garantir que o mérito individual sobressaia. Como se trata de uma recompensa envolvida na atividade, é natural que exista a busca da condição de igualdades, pois é a igualdade que gera a expectativa. No MMA (LUTAS, 2016), esse desejo de isonomia desemboca na criação de categorias, sejam elas de peso ou de gênero, que separam os atletas para criar essa justeza.

É importante ressaltar que o MMA interioriza as diferentes artes marciais e suas filosofias e, nessa síntese, forma um esporte. Assim, existem algumas comissões regulamentadoras – como a Comissão Atlética de Nevada (NSAC) e a Comissão Atlética Brasileira de MMA (CABMMA) – e os eventos legalizados devem seguir as suas regras. São elas que também estabelecem a diferença entre atletas amadores e profissionais. Sobre o primeiro, trata-se de “Alguém [que] exerce determinada atividade por puro gosto, sem remuneração. Ou alguém que exerce determinada atividade sem a pretensão de atuar profissionalmente naquilo. Alguém que consegue sustentar uma dimensão experimental autônoma como trabalho” (AMADOR, 2008). Já o profissional:

[...] é quem exerce uma profissão (um emprego ou trabalho que requer conhecimentos formais e especializados). Para se tornar um profissional, a pessoa deve fazer estudos (em geral, profissionalizantes ou universitários) e ter um diploma ou título que ateste os conhecimentos adquiridos e a idoneidade para o exercício da profissão (CONCEITO, s/d).

É importante ressaltar que os lutadores abordados são da categoria profissional, ou seja: são indivíduos que possuem algum documento que lhes dá suporte em atuar como praticante. Os atletas que serão investigados são aqueles que possuem alguma deficiência ou depressão e são profissionais – alguns deles lograram ser campeões em organizações de grande porte.

Se o MMA é híbrido 1) na mistura de artes marciais, 2) na filosofia misturada com o esporte, ainda resta uma terceira hibridez, que é na técnica. Nesse último caso, essa condição se traduz em dois níveis da luta: o primeiro é o da “trocação” – “[...] momento da luta em que os oponentes concentram os golpes em chutes e socos em pé. No mundo da luta, essa ação ficou conhecida como “trocar chutes e socos”” (BITTENCOURT, GUIMARÃES, 2017: 63) – e o segundo é a “luta de chão” – “exemplificado nas imobilizações e submissões de esportes como Luta Olímpica, *Jiu-Jitsu* e *submission wrestling*” (CARMO, 2016: 26). O interessante é que justamente a existência desses dois momentos que abre espaço para diferentes configurações corporais, pois é possível a um lutador vencer um combate a partir de uma dessas vias, a trocação ou o chão, algo que seria impossível nas outras artes ou esportes, pois a domesticação dos movimentos é mais restrita em possibilidades, o que diminui também as possibilidades de vitória se não for pelas vias já estabelecidas.

2. Inclusão: deficiência e depressão

A diferença entre seus membros é uma questão com a qual todas as sociedades humanas se defrontam. As sociedades antigas buscavam a aniquilar, mas com o tempo as diferenças foram se tornando caso de assistência social. Com a Declaração dos Direitos do Homem e dos Direitos da Criança passou-se a tentar incluir essas modalidades identitárias (SILVA, 2009).

Por conta de seu desejo de romper com a tradicionalidade, a sociedade moderna se quer pluralista (LOPES, 2016). Nesse sentido, a democracia grega, mesmo que direta e excludente (porque assumia como cidadão apenas o *pater familias*), acaba gerando um padrão para o alcance dessa universalidade (DA NOBREGA JUNIOR, MARIA, 2010). Assim, muitos adeptos da democracia desejam a cada vez maior inclusão de perfis diferentes: “Deve-se lembrar, sempre, que o princípio fundamental da sociedade inclusiva é o de que todas as pessoas portadoras de deficiência devem ter suas necessidades especiais atendidas. É no atendimento das diversidades que se encontra a democracia” (MACIEL, 2000: 52). Assim, pode-se observar que a inclusão exige em primeiro lugar que se abstraia cada uma das idiosincrasias – a condição de deficiência sendo uma delas. O que também vale para a depressão, visto que ela também afeta aos indivíduos e os subjetivam.

Para alguns estudiosos, existem dois sentidos para o fenômeno chamado de deficiência:

[1] a entende como uma manifestação da diversidade humana. Um corpo com impedimentos é o de alguém que vivencia impedimentos de ordem física, intelectual ou sensorial. Mas são as barreiras sociais que, ao ignorar os corpos com impedimentos, provocam a experiência da desigualdade. A opressão não é um atributo dos impedimentos corporais, mas resultado de sociedades não inclusivas [...] [2] Já a segunda forma de entender a deficiência sustenta que ela é uma desvantagem natural, devendo os esforços se concentrarem em reparar os impedimentos corporais, a fim de garantir a todas as pessoas um padrão de funcionamento típico à espécie. Nesse movimento interpretativo, os impedimentos corporais são classificados como indesejáveis e não simplesmente como uma expressão neutra da diversidade humana, tal como se deve entender a diversidade racial, geracional ou de gênero. Por isso, o corpo com impedimentos deve se submeter à metamorfose para a normalidade, seja pela reabilitação, pela genética ou por práticas educacionais (DINIZ, BARBOSA, SANTOS, 2009: 65).

A literatura aponta que o chamado senso comum brasileiro não considera a deficiência um traço de subjetividade, mas sim como uma falta de algo que deveria estar “lá”. Mas não no sentido lacaniano:

A falta de conhecimento da sociedade, em geral, faz com que a deficiência seja considerada uma doença crônica, um peso ou um problema. O estigma da deficiência é grave, transformando as pessoas cegas, surdas e com deficiências mentais ou físicas em seres incapazes, indefesos [...] É necessário muito esforço para superar este estigma (MACIEL, 2000: 52).

Esse tipo de pensamento começa no momento de socialização primária, daí os esforços de muitos ativistas e educadores de formalizar essas concepções através de regimentos formais:

[a] Inclusão escolar, fortalecida pela Declaração de Salamanca, no entanto, não resolve todos os problemas de marginalização dessas pessoas, pois o processo de exclusão é anterior ao período de escolarização, iniciando-se no nascimento ou exatamente no momento em que aparece algum tipo de deficiência física ou mental, adquirida ou hereditária, em algum membro da família. Isso ocorre em qualquer tipo de constituição familiar [...] (MACIEL, 2000: 52).

Mas há também um fundamento etimológico para essa percepção de falta. A palavra “deficiente” vem do “[...] latim *deficiente*, declinação de *deficiens*, do mesmo étimo do verbo *deficere*, faltar, falhar” (ORIGEM, 2018). Ou seja, a palavra tomada num sentido “puro” permite uma associação que acaba sendo inconsciente, mesmo que o referente não seja mais conhecido. Mas podemos observar que agentes que se identificam com o humanismo acabam defendendo a inclusão de pessoas com deficiência e formulam outros conceitos partindo desse ponto:

A inclusão como matriz de interpretação: esta concepção é compartilhada pelas pessoas que deslocam sua percepção da deficiência de um problema individual para um problema social. O pressuposto compartilhado pelas pessoas que possuem essa visão da deficiência, é de que a sociedade tem de se adaptar para incluir todos, e a inclusão das pessoas com deficiência deve ser feita a partir de suas potencialidades (CARVALHO-FREITAS, 2009: 125).

É interessante notar que uma parcela dos indivíduos que compartilham dessa representação está nos meios acadêmicos, gerando estudos que buscam criar categorias que deem conta dessas subjetividades:

Habitar um corpo com impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais é uma das muitas formas de estar no mundo. Entre as narrativas sobre a desigualdade que se expressam no corpo, os estudos sobre deficiência foram os que mais tardiamente surgiram no campo das ciências sociais e humanas. Herdeiros dos estudos de gênero, feministas e antirracistas, os teóricos do modelo social da deficiência provocaram uma redefinição do significado de habitar um corpo que havia sido considerado, por muito tempo, anormal [...] essa nova expressão da opressão ao corpo levou à criação de um neologismo, ainda sem tradução para a língua portuguesa: *disablism* (DINIZ, BARBOSA, SANTOS, 2009: 65).

Com ou sem as tentativas de trazer essa percepção da política, o fato é que a deficiência se constitui em mais um dos elementos que adentra na composição da identidade de

um indivíduo. Ela faz parte da complexidade interna de cada um e ajuda a derivar um comportamento igualmente não uniforme e imprevisível, como demonstra Maciel (2000: 52):

Cada deficiência acaba acarretando um tipo de comportamento e suscitando diferentes formas de reações, preconceitos e inquietações. As deficiências físicas, tais como paralisias, ausência de visão ou de membros, causam imediatamente apreensão mais intensa por terem maior visibilidade. Já a deficiência mental e a auditiva, por sua vez, são pouco percebidas inicialmente pelas pessoas, mas causam mais estresse, à medida que se toma consciência da realidade das mesmas.

Outro termo importante para o estudo é o de depressão, que é uma doença mental. Ela é diferente da doença física em alguns pontos:

Já a doença mental engloba uma série de condições que também afetam o desempenho da pessoa na sociedade, além de causar alterações de humor, bom senso e concentração, por exemplo. Isso tudo causa uma alteração na percepção da realidade. As doenças mentais podem ser divididas em dois grupos, neuroses e psicoses. (SHIMOSAKAI, 2011).

Ou seja, são as alterações de humor que podem tornar a pessoa inapta para viver determinados momentos pontuais. As doenças mentais geram um transtorno que é passageiro, porém podem ser tratados clinicamente para que os seus sintomas amenizem. Tal qual a deficiência, é algo com o que o indivíduo convive diariamente e que compõe parte de sua personalidade – mesmo que possua seus momentos de maior ou de menor intensidade. Esse é o caso da depressão, “[...] definida como um distúrbio de humor ou afetivo, geralmente de natureza multifatorial, que pode ser diagnosticado em qualquer faixa etária” (TEIXEIRA, THEDY, BARBA, 2007: 454). A doença, em si, é bastante agressiva, porém, além de afetar as relações interpessoais, também prejudica a autoimagem do doente:

A depressão, mais do que um transtorno de humor, passa a ser um modo de subjetivação. Em outros termos, ser “deprimido” é uma identidade, um modo de produzir sujeitos medicalizados que se definem a partir do que os acomete. Nesse contexto, qualquer reflexão sobre si fica excluída ou se torna obsoleta, uma vez que remete ao sofrimento psíquico e à interioridade do sujeito (MACHADO, FERREIRA, 2014: 136).

Portanto, não conseguir se livrar definitivamente dos momentos de depressão coloca a patologia como uma realidade sempre possível do paciente, o que acrescenta o sofrimento da espera para o próximo episódio. Ademais, a Organização Mundial de Saúde considera que a depressão crônica é, atualmente, “a principal causa de incapacitação em todo o mundo e ocupa o quarto lugar entre as dez principais causas

de patologia” (NETO, ALVES, 2012: 111). A depressão consegue causar o impedimento psicológico de alguém tornar-se ou manter-se como atleta de alto rendimento na medida em que o desestimula a praticar a sua especialidade ou a competir com menos afinco no momento da sua apresentação. Em um esporte de combate esse tipo de acontecimento pode mostrar-se especialmente perigoso para a integridade física do participante.

Até este momento nos referimos de como a percepção social e as próprias condições físicas podem potencializar a exclusão. Cabe agora pensar como se pode produzir a inclusão dessas diferentes subjetividades. O primeiro passo é saber que não se trata de um caminho de mão-única, a ação estatal não é a única necessária: “A reestruturação das instituições [para a inclusão] não deve ser apenas uma tarefa técnica, pois depende, acima de tudo, de mudanças de atitudes, de compromisso e disposição dos indivíduos” (MACIEL, 2000: 52). Ou seja, há também a necessidade de um reconhecimento por parte de outros indivíduos. A partir dessa pesquisa tivemos a oportunidade de observar que os eventos de MMA, de certa forma, atuam como instituições públicas – quer seja porque pretendem passar uma imagem de inclusivas, quer seja por chamar a atenção de sua audiência apresentando o inusitado, o chocante, o que é uma estratégia de marketing também. Mas ainda resta a dimensão do reconhecimento, que vai ser apreciada através dos comentários da internet.

3. Casos

Vamos observar três casos de pessoas com deficiência ou transtorno mental no MMA, analisando suas trajetórias e as implicações de suas práticas como lutadores em suas identidades. O procedimento será o de apresentar, em um primeiro momento, o diagnóstico clínico, com o objetivo de contextualizar mais a identidade de cada atleta e de tornar os resultados encontrados os mais embasados empiricamente. A primeira análise é a do caso do americano Nick Newell, que experimentou uma amputação de maneira congênita. Mas o que seria esse processo de um ponto de vista fisiológico?

As amputações congênitas podem ocorrer em qualquer nível. Amelia – ausência de um membro; hemimielia – ausência de antebraço o mão; aqueiria – ausência de mão; adactilia e afalangia – ausência de dedos e falanges. Diferencia-se da

síndrome de constrição congênita pela presença de hipotrofia proximal ao coto e ausência de outros pontos de constrição (BISNETO, 2012: 546).

Essa amputação acontece no momento da formação do feto, quando uma membrana corta a ligação de algumas das células que vão dar origem ao restante do braço ou da mão do embrião. Todavia, há musculatura fortificada neste espaço, o que abre a possibilidade de se realizar atividades mais pesadas com esse segmento, entre elas exercícios físicos.

Nascido em 1986, na cidade de Milford, Newell desde muito cedo aprendeu a pinçar objetos com o braço amputado. Posteriormente entrou no time de *wrestling* do colégio, quase desistindo da carreira na primeira temporada. Não o fez por ter sido incentivado por sua mãe a continuar, e obtendo nesse interim 300 vitórias (NICK, 2018). Em uma de suas entrevistas é possível perceber algumas das implicações da prática do MMA na sua identidade:

Não sou tão experiente quanto outros caras [15 lutas até o momento], mas poderíamos dizer que eu tenho um status de veterano e estou me sentindo muito confortável, estou me sentindo realmente muito bem, meu corpo sempre foi uma questão, mas estou bem e tive um grande camp, então, quando o dia chegar, vou estar pronto para lutar. Posso te dizer: ralei muito. Estou sedento (A UMA, 2018) [grifos nossos].

O corpo inteiro acaba por se tornar uma questão, pois toda as características de Newell subsumem diante do braço completo, que está ausente nesse caso. Assim, gera-se uma metonímia: a ausência se sobrepõe a presença e torna a existência do indivíduo subordinada a uma de suas características, o que acaba com o reconhecimento social que ele possa vir a experimentar. O lutador percebe isso na sua vivência cotidiana, de modo que afirmou:

Eu às vezes odeio ser 'o lutador de uma mão'. Mas é algo de que não posso escapar. É uma parte de mim, mas não é o que me define. Tive que realmente trabalhar muito, muito mesmo, e vir praticamente do nada para chegar onde cheguei. Perdi minhas primeiras 17 lutas de *wrestling* e, enquanto todos estavam saindo, indo a festas, se divertindo, eu estava treinando o verão inteiro para melhorar. E isso começou quando eu tinha 14 anos e foi até agora, com 32. Eu nunca andei para trás. Mas sempre vai ser algo que as pessoas vão falar (A UMA, 2018).

O lutador explana que precisou treinar mais do que seus companheiros, o que fica ilustrado pela citação sobre festas. Portanto, tanto a questão física (do corpo) quanto a própria trajetória individual desaparecem diante do que se considera socialmente como

uma anormalidade. É interessante que isso também desemboca em um julgamento moral:

Tenho pessoas muito comigo ou muito contra mim. Não tem muito um 'Ah, ele é ok'. As pessoas querem muito me ver ganhar ou querem muito me ver perder, por alguma razão. Acho que a maioria das pessoas quer me ver ganhar, é uma boa história. É um bom parâmetro do que as pessoas que passam por um obstáculo podem conquistar. Sei o que signífico neste esporte e sei que há olhares em minha direção. Se eu vencer, sei que a vitória será maior do que qualquer uma deste programa. E, se eu perder, será pior do que qualquer um neste programa. Para mim, é uma motivação extra (A UMA, 2018).

Pode-se analisar que Newell apercebe-se de uma admiração ou de uma ojeriza muito forte com relação a sua estadia neste espaço, o do MMA profissional de ponta, mesmo que tenha sido campeão de dois eventos. Misturam-se na apreciação do espetáculo os desejos de que as coisas prossigam como estão – a de que uma pessoa com desvantagem não possa superá-la – e o desejo de ver uma barreira sendo quebrada. De um lado alguns indivíduos querem que os seus paradigmas sigam inalterados e outros (a minoria) não. Essa é exatamente a sensação de ambiguidade que se experimenta diante daquilo que é sagrado no sentido durkheimiano:

O objeto sagrado inspira-nos senão o temor pelo menos um respeito que dele nos afasta que nos matem à distância; ao mesmo tempo, ele é objeto de amor e de desejo; tendemos a nos aproximar dele, aspirarmos ir ao seu encontro. Eis aí um duplo sentimento que parece contraditório, mas que nem por isso deixa de existir na realidade (DURKHEIM, 1996: 321).

Nesse caso, há o sagrado da pessoa com deficiência como sendo incapaz e o sagrado da pessoa como podendo superar suas limitações. Esses dois sagrados são expressos e se digladiam no momento da luta, e são expressos com mais clareza na escrita, quando os sentimentos explosivos estão mais ordenados e refletidos.

Outra lutadora que é relevante para o nosso estudo é Rose Namajunas, que possui histórico de depressão e é a atual campeã do Ultimate Fighting Championship. Essa patologia mental é “[...] definida como um distúrbio de humor ou afetivo, geralmente de natureza multifatorial, que pode ser diagnosticado em qualquer faixa etária” (TEIXEIRA, THEDY, BARBA, 2007: 454). Namajunas nasceu no ano de 1992, na cidade de Milwaukee. De sua biografia é importante relatar dois pontos: sua ascendência lituana e o quadro de esquizofrenia de seu pai - possivelmente a situação do país de origem tenha causado o transtorno do progenitor (ROSE, 2018). Assim, a socialização de Namajunas foi bem dramática:

UFC Star “Thug” Rose Namajunas has a heartbreaking life story that began as an innocent child being sexually abused and her father later committing suicide. Rose has battled with depression and mental health problems her whole life (HEARTBREAKING, 2018).

A adversária com quem lutou para obter o cinturão da categoria ressaltou propositalmente esses aspectos da biografia de Namajunas na promoção do confronto. Na resposta de Namajunas é possível perceber um pouco do resultante dessa pressão psicológica:

Não sei se é por alguma diferença cultural [a adversária era uma polonesa], mas para mim isso não é algo com que eu lide de forma tranquila. Minha família foi destruída. Meu pai morreu de esquizofrenia - por isso ele não esteve presente na minha vida. Minha família vem lutando contra isso desde quando eu me entendo por gente. Por isso lutar é tão importante para mim. Não é só por causa do cinturão. É mais que isso. Quero inspirar as pessoas a fazerem o que elas queiram para se sentirem felizes. As pessoas podem superar qualquer coisa. Não me importo com o que ela está fazendo. Ela pode dizer o que quiser. Por mim, tudo bem. Estou concentrada em mim. Estou dominando meus demônios, e é isso o que importa (JOANNA, 2017).

Após a luta, afirmou Namajunas: “Eu estou cansada de todo o ódio e raiva e coisas desse tipo. Acho que nós temos um dever, como lutadores, de sermos um exemplo melhor. As artes marciais são sobre honra e respeito” (MARQUES, 2017). Podemos observar que as artes marciais foram a maneira que a lutadora encontrou para conseguir superar a depressão, mas que lembrar esses episódios pontualmente ainda é uma atividade dolorosa. Tanto é que em outra declaração pudemos perceber que acontece essa fusão e o transtorno mental é contornado sem a necessidade da utilização de fármacos:

Não sei, é só quem eu sou. Sou uma pessoa muito honesta, sou uma péssima atriz também. Sinto que consigo controlar minhas emoções, mas não preciso escondê-las, não lhe faz parecer fraca ou qualquer coisa desse tipo. Me sinto confiante, mas também estou nervosa. Não tenho medo de mostrar isso (PINHEIRO, RODRIGUES, AZEVEDO, 2018).

É importante lembrar que não se trata de uma solução definitiva do transtorno, mas sim de uma readequação identitária, que resulta em uma acomodação dos sentimentos da lutadora. Disso se gera um bem-estar mental, um tratamento que pode ser replicado para outros casos.

O último caso a ser analisado é o de Matt Hamill, que é surdo. Mas o que viria a ser a surdez? A surdez se caracteriza como um problema sensorial não visível, que acarreta dificuldades na recepção, percepção e reconhecimento de sons, ocorrendo em diferentes graus, do mais leve (que interfere na aquisição da fala, mas não impede o indivíduo de se comunicar por meio da linguagem oral), ao

mais profundo (que impede o indivíduo de adquirir a linguagem oral) (SILVA, PEREIRA, ZANOLLI, 2007: 279).

Ou seja, não há um interdito em comunicar, como demonstra a Língua Brasileira de Sinais (LIBRA) e todos os estudos sobre a cultura surda. Sobre a biografia do lutador, podemos observar que este iniciou sua trajetória também pelo *wrestling*, tal qual Newell:

Nascido em Loveland, Ohio (EUA) em 1976, começou a praticar luta greco-romana ainda jovem no colégio de Loveland incentivado pelo padrasto. Mais velho, enquanto cursava a faculdade no Rochester Institute of Technology (RIT), em Rochester, New York foi campeão nacional de *wrestling* por três vezes. Após sair da faculdade, trabalhando como segurança em um bar, Matt acabou com uma briga sufocando um jogador de futebol americano e o arrastando para fora em frente a uma multidão espantada, percebendo o talento foi treinar MMA em uma academia onde conheceu Duff Holmes, que até hoje é seu treinador e empresário (CAMPOS, 2011).

Um de seus treinadores depôs que o MMA tornou Hamill apto a perceber-se além das limitações impostas por outros indivíduos:

A maioria das pessoas surdas veem ser surdo como um dom e são felizes por fazer parte desta cultura. Eles veem a linguagem de sinais como sua língua, não o inglês. (Matt) não se vê como deficiente e ficaria ofendido se alguém lhe chamasse assim. Ser surdo se torna parte da sua vida e você se acostuma a isto - explica Kostbar (ALBUQUERQUE, 2011).

Pudemos observar certa militância em específico nas informações levantadas por esse lutador. Este não chegou a ser campeão de MMA tal qual os outros casos, mas é sem dúvida o que possui misturado à sua biografia o maior volume de discursos de superação, como o que se segue:

Surdo de nascimento, Matt aprendeu a ler, escrever e falar quando ainda era garoto, por insistência do avô e da mãe, que não queriam que ele fosse tratado de maneira diferente das demais crianças. Mas sua condição fez com que ele fosse alvo de bullying, e aí que entraram as artes marciais na vida de Hamill, mais precisamente o *wrestling* (luta olímpica) (RAUPP, RUSSIO, 2013).

O próprio lutador ressignificou toda essa trajetória em suas palavras:

Não teria chegado aqui sem minha família. Eles sempre me apoiaram muito e me ajudaram a me tornar quem eu sou. Sou feliz assim. Meu avô e minha mãe sempre quiseram me tratar como uma pessoa normal. Eu sofria muito bullying na escola quando era pequeno por não escutar, aí batia nos garotos, então meu padrasto me colocou no *wrestling* para acalmar meus ânimos. O *wrestling* me ajudou a ser uma pessoa calma, a ter foco e a aprender sobre mim. Toda vez que lutava eu me transformava, porque não via nenhuma desvantagem em relação aos outros nessa hora (RAUPP; RUSSIO, 2013).

Segundo Hamill, a família foi também um diferencial por enxergar nele a condição de possibilidade, aquela que é essencial para que o indivíduo invista em si mesmo. Mesmo

assim, o *bullyng* deixou o adolescente agressivo, sentimento que foi contornado pela prática do esporte. O esporte, nesse caso, coloca indivíduo contra indivíduo, e não Hammil contra toda a estrutura que o acusa de ser diferente.

Podemos observar nesses casos que há uma transformação de trajetórias. Newell pode dar um bom exemplo com sua vitória; Namajunas supera momentaneamente suas profundas dificuldades familiares, que lhe causam os transtornos; e Hammil consegue dominar sua animosidade. Podemos perceber que o MMA atrai e torna bem-sucedido esse tipo de atleta, o que pode ter a ver com o lastro filosófico inconsciente deixado pelas artes marciais, que com sua filosofia consegue abstrair o contexto circundante e focar na transcendência. Ademais, podemos observar outros casos de deficientes que obtiveram êxito competitivo em esportes de *grappling*: para enumerar um exemplo, podemos observar o caso de Ramon Alves, cego praticante de *jiu-jitsu* (CORREA, BARONE, 2013). Isso provavelmente acontece porque o esporte de submissão pode ser praticado apenas com o tato, pois basta um primeiro contato para se ter noção de onde está o oponente e agir em cima desse posicionamento.

Ou seja, o MMA é inclusivo dentro de seu sistema de funcionamento, na parte técnica. Agora é o momento de investigar se ele também gera o reconhecimento social, a segunda parte de um projeto inclusivo.

4. Depoimentos: surdez, depressão e amputação congênita

Os comentários sobre Matt Hamill variam bastante em seu tom. A maioria afirmou que não sabia da presença da surdez no lutador: “Oh loco! Não sabia que Matt Hamill era surdo...só assisti duas lutas deles” (RAUPP, RUSSIO, 2013), “nao sabia que ele era surdo” (RAUPP, RUSSIO, 2013). Nesses depoimentos, podemos perceber que não são emitidos julgamentos diretos sobre a pessoa do lutador, apenas o espanto e talvez uma motivação existencial: “História fantástica. Recarreguei as energias para vida lendo um pouco sobre esse cara. Valeu!” (RAUPP, RUSSIO, 2013). Mas alguns comentaristas afirmaram que, ao saber dessa identidade, torceriam pelo lutador durante o combate:

Também não sabia que ele era surdo. Já ia torcer pra ele pelo fato do Thiago [Silva, lutador brasileiro que foi o adversário de Hammil] não ter batido peso, além de estar numas ideias erradas de ficar discutindo virtualmente com o Pezão

e chamando pra descer pros meio-pesados em vez de subir e lutar contra ele. Sem contar as ervas danadas e a marra exagerada que ele tem. Agora que descobri que o Hamill é Galo Doido, mais um motivo extra para torcer por ele (RAUPP; RUSSIO, 2013).

Outro comentário também ressalta que a antipatia pelo lutador brasileiro foi um combustível para aderir à causa de Hammil: “Thiago Silva mostrou arrogância chamando o Pesão [Antônio Pezão, outro lutador brasileiro] de bobo lengo lengo, vou torcer para o cara surdo, gostei do carinha, humilde e sofrido” (RAUPP, RUSSIO, 2013). Talvez por considerar o deficiente como inferior, considerou Hammil humilde e por isso atribui a ele um julgamento positivo.

Um outro internauta afirmou que “Surdo e mudo ,se não fosse o juiz parar a luta [contra o lutador americano Jon Jones, que aplicou cotoveladas ilegais], seria tb cego” (RAUPP, RUSSIO, 2013). Esse foi considerado por nós como um comentário negando a deficiência, pois a fala também desconhece o quão pejorativo é o vocábulo surdo-mudo (GESSER, 2008). O acréscimo de deficiências é considerado, pelo comentador, como uma forma de agressividade.

Há também os comentários que tomam o caso de Hammil como uma oportunidade para expor uma situação de desigualdade em dois sentidos. Um é (1) no sentido estatal: “Poxa um surdo formado em Engenharia em uma universidade especial para surdo. aqui no brasil o Surdo è aposentado ganhando uma esmola de 600 reais por mes [sic] do governo. BRASIL ORDEM E PROGRESSO ??????????” (RAUPP, RUSSIO, 2013) e (2) no sentido da convivência: “como pode alguém tirar o sarro de uma pessoa por ser surdo? ... mesmo sendo muleque, nao tem desculpa, eh educacao dos pais, ou melhor, falta de educacao ... que mundo idiota que vivemos” (RAUPP, RUSSIO, 2013). Assim, são denunciados tanto o governo como os seus cidadãos, e a surdez é só uma desculpa para a externalização dessa insatisfação, que é maior.

Podemos observar, portanto, que ou o contato com a pessoa com deficiência se dá pelo escárnio, “Como é que ele vai ouvir o soar do gongo????” (RAUPP, RUSSIO, 2013), ou pela afirmação de exemplo ou pela afirmação da desigualdade. Assim, a deficiência é abordada mais como um reforço do mérito individual do que propriamente como uma inviabilização do indivíduo. Assim, se não há o estigma da incapacidade, ainda há uma carga (ou fardo) emocional de o deficiente representar toda uma expectativa, tal como

detectou Newell, além de provavelmente precisar defender a honra de seu grupo social de pessoas com deficiência.

O próximo caso é o da depressão de Namajunas. Podemos observar, em primeiro lugar, uma ausência da menção ao transtorno por parte dos internautas. Mas a questão da superação re-aparece: “Quem gosta de MMA, não se importa se a pessoa ganha expressão lutando ou falando, gosto da Namajunas pelo o que ela luta não pelo que ela fala, mas admiro seu jeito de levar as coisas, te desejo sorte...” (PINHEIRO, RODRIGUES, AZEVEDO, 2018). Podemos observar que o internauta parece que fala diretamente para Namajunas. Ressalta a questão da habilidade, mas reforça a questão do modo de pensar, que é mais voltada para a filosofia das artes marciais.

Outro comentário se prendeu mais à questão da aparência, e cogitou a existência de alguma doença apenas pelo penteado da lutadora:

Porque essa moça raspa a cabeça? Gente estou preocupado, acho que ela está fazendo quimioterapia!!! É incrível que ela consiga lutar nessa condição, olha, é um dos maiores exemplos de superação que já vi nesse esporte, isso realmente deve por um pouco de vida e esperança em crianças com câncer! (PINHEIRO, RODRIGUES, AZEVEDO, 2018).

Da doença inventada surge o exemplo de motivação da deficiência real. Ou seja, há uma imagem sobre a deficiência, que é positivada por permitir a verdadeira valorização do sujeito, e que não se irradia para o transtorno mental. E essa imagem emerge quando há uma mudança física, pois Namajunas utilizava cabelos compridos outrora.

A última análise é sobre a amputação congênita. Esta foi a que gerou um maior número de comentários, provavelmente porque a condição de deficiência é a mais aparente e pode ser chocante para quem não está acostumado com a visão dela. Podemos observar muitos mais comentários parodiados neste caso do que nos outros: “O combatente pode até ficar dando uma de João-sem-braço, mas com sua poderosa direita qualquer soco é cotovelada. E se alguém quiser tirar uma onda, o cara dá uma surra literalmente com uma mão só” (CRESPANI, 2014). Podemos observar a utilização da expressão “João-sem-braço”, que designa o sujeito que se faz de desentendido para não realizar um trabalho de sua responsabilidade. Assim, o humor estaria no fato do lutador corporificar literalmente um conceito popular, a conotação se torna denotação e isso causa o efeito risivo. Outro comentário de escárnio, porém, ressaltou a dimensão da

superação individual: “Porra, não tem como dar um *armlock* naquele cotoco ali. rrsr Brincadeiras a parte, é muito legal saber que esse cara existe!” (CRESPANI, 2014).

Com relação à questão motivacional em sua dimensão mais pura, podemos encontrar outros depoimentos: “!!!!!!tem pessoas q reclamam da vida depois!!!!!!!!! ai ta um exemplo d superação parabéns” (CRESPANI, 2014), “Determinação e tudo. O cara serve de exemplo pra muitos.” (CRESPANI, 2014) e “For those of you whom have never competed in ANYTHING, you have no idea how difficult it is to compete in combatitive sports, this kid is an inspiration for everyone, God bless him” (HISTORY, 2012). Todos esses comentários apontam para as dificuldades enfrentadas e o reforço do mérito individual, que sobressai diante das dificuldades encontradas e que desautorizam quem não o defende. O lutador passa a ser, portanto, argumento e contra-argumento em um debate muito mais amplo.

Outros comentários vão para o lado de desclassificar os participantes do evento. A começar pelo próprio esporte, por produzir o encontro do que não devia se encontrar: “armação assim como toda luta do MMA..só para ganhar dinheiro” (CRESPANI, 2014). Ou seja, a questão comercial exclui a parte técnica e competitiva e fere o sagrado da igualdade. Para esse comentarista, trata-se de um espetáculo encenado, o que efetivamente coloca em cheque toda a integridade ética dos eventos e das comissões que regulamentam o esporte.

Mas há também outros comentários que focam no adversário no vídeo: “nunca subestime ninguém!!” (CRESPANI, 2014), declaração que coloca o lutador que perdeu como arrogante. Outros desacreditam nas próprias habilidades do lutador: “Losing in a choke in a few minutes in the first round to a guy with 1 1/2 arms... Nick Newell is the shit and that other guy should quit fighting and start working at Mc Donalds” (HISTORY, 2012). Há também quem retratou uma barreira psicológica, que impediu o adversário de render completamente: “Maybe the guy felt awkward fighting a disabled person?” (HISTORY, 2012). Por fim, questionamentos sobre a ética do atleta também foram recorrentes: “Respect for the other athlete who let Nick Newell win the fight” (HISTORY, 2012). Ou seja: a derrota trata-se de uma soberba, de insegurança ou de mentira.

Todos esses dados apontam que o reconhecimento existe, mas que é condicionado às conquistas esportivas - mas esse reconhecimento some quando não há visibilidade da deficiência. Provavelmente seja impossível desassociar esse reconhecimento com a questão do escárnio, mas encontramos comentários que casam essas duas dimensões, o que pode demonstrar um alastramento de uma representação sobre a deficiência que é mais ambígua do que taxativa.

Considerações Finais

Em nosso estudo, indagamo-nos se o esporte MMA consegue gerar uma inclusão. Abordamos a inclusão sob dois ângulos: o da técnica - a qual é possível na modalidade por conta da grande gama de habilidades que são envolvidas no momento de se encerrar um combate - e pelo reconhecimento - o quanto as pessoas aceitam que indivíduos realizem essa atividade. Assim, para a pessoa com deficiência, o MMA possui competitividade possível por conta de suas configurações como esporte híbrido. E também é atrativo por conta de sua herança filosófica, que acomoda as diferentes configurações corporais em um mundo com um sentido diferente do sentido instrumental. Além do mais, o MMA possui uma plataforma de divulgação midiática crescente, que atrai atletas por conta de sua capacidade remuneratória.

O reconhecimento social, segundo nossos dados, é condicional. Além de ser acompanhado pelo escárnio, ele só acontece se a expectativa de confirmar o mérito individual acontecer de fato, através da vitória. A pessoa com deficiência fica na tensão de se tornar um arquétipo, pois sua vitória é sempre sacralizadora e sua derrota é sempre o esperado, o que o torna um sujeito com a capacidade limitada ao próximo desafio. Assim, fica contestada a afirmativa de que o senso comum enxerga a deficiência apenas como uma falta, pois essa noção parece ser mais complexa. Além dessa, ainda há outra condicionalidade: só existe reconhecimento se houver o respeito ao jogo entre o aparente - a amputação congênita - e o escondido - surdez e depressão. Isso explicaria porque a depressão não foi mencionada por comentaristas, provavelmente porque não é considerada uma doença, mas a parte de superação aparece com a aparência de uma

pessoa com depressão, que pode emagrecer exageradamente por conta do seu quadro clínico.

A pesquisa também mostrou que as lutas de *grappling* (geralmente *jiu-jitsu* e o *wrestling*) também são inclusivas, porém é o MMA que permite a projeção condutora ao reconhecimento mais amplo no tecido social, por seu lado mais comerciável. Provavelmente o MMA é mais valorizado do ponto de vista econômico porque o *grappling* não envolve uma aposta da condição física, o que o torna menos interessante para ser assistido pelo público não especializado. O incentivo institucional (por meio das *high schools*) talvez explique porque todos os casos foram de americanos, pois neste país a escola básica incentiva, historicamente, a prática do *wrestling*.

Uma questão que se coloca é: será que o MMA se tornará uma modalidade paraolímpica? Mas o que viriam a ser os esportes dessa natureza?

Hoje, os Jogos Paralímpicos são um evento de esporte de alto rendimento para atletas deficientes. Apesar disso, os Jogos enfatizam mais as conquistas do que as deficiências dos participantes. O movimento tem crescido de maneira significativa desde os primeiros dias[...] Os Jogos Paralímpicos têm sido sempre realizados no mesmo ano dos Jogos Olímpicos (IPC, 2018).

Seria possível afirmar que, por se constituir em uma atividade de combate, o MMA poderia ser mais restrito por implicar danos profundos nos corpos de seus participantes. Todavia, o boxe possui um para desporto, o que inviabilizaria o impedimento por ferimentos. Talvez esse quadro se reverta no momento em que o próprio MMA se tornar esporte olímpico, mas provavelmente ele permaneça apenas como olímpico pois, segundo os dados da pesquisa, o esporte já é inclusivo do ponto de vista técnico.

Outra biografia interessante e que não foi abordada por conta de delimitação conceitual da pesquisa foi a de Antônio Pezão, lutador peso-pesado brasileiro que sofre de uma doença chamada acromegalia. Esta patologia se caracteriza por uma produção exagerada de hormônio de crescimento, que, na ocorrência em crianças, redundam em crescimento inesperado e em adultos no aumento de suas extremidades ósseas. Todavia, não se trata de uma deficiência no sentido integral, uma vez que as habilidades e intelecto estão presentes neste indivíduo. O que é sintomático, nesse caso, é que o tratamento da doença coincida em fármacos com substâncias proibidas nos exames

antidoping do esporte; assim, a cura é acompanhada do estigma da fraude, o que traz outras questões à baila.

Referências

A UMA vitória do UFC, Nick Newell afirma que odeia ser visto como "lutador de uma mão só". UOL Esportes. 2018. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/ag-fight/2018/07/16/a-uma-vitoria-do-ufc-nick-newell-afirma-que-odeia-ser-visto-como-lutador-de-uma-mao-so.htm?cmpid> . Acesso em: 20/07/2018.

ALBUQUERQUE, A. Destaque do UFC 130 é herói entre surdos e vira tema de filme aclamado. 2011. Combate. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2011/05/destaque-do-ufc-130-e-heroi-entre-surdos-e-vira-tema-de-filme-aclamado.html>. Acesso em: 20/07/2018.

AMADOR. 2008. Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/amador/> . Acesso em: 19/07/2018.

BISNETO, E. N. F. Deformidades congênitas dos membros superiores: parte I: falhas de formação. **Revista Brasileira de Ortopedia**, São Paulo, v. 47, n. 5, p. 545-552, 2012.

BITTENCOURT, J. B. de M.; GUIMARÃES, Felipe Chaves. DENTRO E FORA DO OCTÓGONO: corpo, consumo e êxtase nas tramas do MMA. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, n. 47, Junho/Dezembro de 2017, p. 57-74

CAMPBELL, C. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.5-22, 1997.

CAMPOS, L. Matt Hamill - surdo - no ringue de vale tudo. Disponível em: <http://liliacamposmartins.blogspot.com/2011/05/matt-hamill-surdo-no-ringue-de-vale.html>. Acesso em: 19/07/2018.

CARMO, Gonçalo Cassins Moreira do. It's show time: violência e emoções no mixed martial arts (MMA 1995 – 2016). 2016. 193 f. **Tese (Doutorado em Sociedade, Direito e Cidadania)** - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

CARVALHO-FREITAS, M. N. de. Inserção e gestão do trabalho de pessoas com deficiência: um estudo de caso. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v. 13, n.1, 2009.

CONCEITO de profissional. Conceito.de. Disponível em: <https://conceito.de/profissional>. Acesso em: 19/07/2018.

CORREA, Ben-Hur; BARONE, Marcelo. O menino dos olhos do jiu-jítsu: Ramon Alves e a batalha contra o ceratocone. 2013. Combate. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/o-menino-dos-olhos-do-jiu-jitsu-ramon-alves-e-a-batalha-contra-o-ceratocone.ghtml>. Acesso em: 24/07/2018

CRESPANI, A. Conheça o lutador de MMA que tem apenas um braço e segue invicto no octógono. 2014. Mundo Doidão. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/mundoidao/2014/03/21/conheca-o-lutador-de-mma-que-tem-apenas-um-braco-e-segue-invicto-no-octogono/?topo=52,1,1,,224,e224&1,1,,224,e224> . Acesso em: 23/07/2018.

DA NOBREGA JUNIOR, P.; MARIA, J. A semidemocracia brasileira: autoritarismo ou democracia? **Sociologias**, Porto Alegre, v. 12, n. 23, 2010, p.74-141

DIFERENÇAS entre luta, arte marcial e modalidade de combate. Sem Data. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao-fisica/diferencas-entre-luta-arte-marcial-e-modalidade-de-combate/63045>. Acesso em: 19/07/2018.

DINIZ, D.; PEREIRA, L. B.; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. In: DINIZ, Debora. **Deficiência e discriminação**. Brasília: Letras Livres/EdUnB, 2009.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GESSER, A. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 47, v.1, p. 223-239, Jan./Jun. 2008

GRESPLAN, C. L.; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, Porto Alegre, RS. Vol. 20, n. 4 (out./dez. de 2014), p. 1265-1282, 2014.

HEARTBREAKING interview of Rose Namajunas near tears after Joanna faceoff. 2018. Viral Patient. Disponível em: <https://viralpatient.com/heartbreaking-interview-of-rose-namajunas-near-tears-after-joanna-faceoff/>. Acesso em: 19/07/2018.

HISTORY is Made -- Nick Newell Becomes XFC Champ on AXS TV. 2012. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yd0n7XlQS5o> Acesso em: 23/07/2018.

HONNETH, A. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 33, 2013.

IPC. **História do Paradesporto**. 2018. Disponível em: <http://ippbrasil.org.br/historia-do-paradesporto/> . Acesso em: 19/07/2018.

JOANNA ataca Namajunas: "Você é instável mentalmente e nunca será campeã". 2017. Combate. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/joanna-ataca-namajunas-voce-e-instavel-mentalmente-e-nunca-sera-campea.ghtml>. Acesso em: 23/07/2018.

LOPES, R. C. O terceiro verso da modernidade: o inexistente conceito de tradição e o conceito de tradição modernizada a partir da sociologia da moral. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, Recife, v. 3, n. 1, p. 213-233, 2016.

LUTAS, Revista. Regras MMA – Pesos e Categorias do mma – equipamentos obrigatórios – Importante saber. 2016. Disponível em: <https://www.revistalutas.com.br/2016/09/14/regras-mma-pesos-e-categorias-importante-saber/> . Acesso em: 19/07/2018.

MACHADO, L. V.; FERREIRA, R. R. A indústria farmacêutica e psicanálise diante da “epidemia de depressão”: respostas possíveis. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 135-144, 2014.

MACIEL, M. R. Cazzaniga. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 51-56, 2000.

MAIS NEWS. MMA é aposta para inclusão social. 2016. Disponível em: <http://www.brmaisnews.com.br/mma-e-aposta-para-inclusao-social>. Acesso em: 19/07/2018.

MARANA, J. Filosofia nas Artes Marciais. 2016. O Educador em Artes Marciais. Disponível em: <https://jeronimomarana.com/?s=Filosofia+nas+Artes+Marciais>. Acesso em: 19/07/2018.

MARQUES, I. D. Palmas para Rose Namajunas. 2017. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/palmas-para-rose-namajunas/>. Acesso em 23/07/2017

NETO, Cecília; ALVES, Fátima. A experiência subjetiva com a doença mental: o caso da depressão. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, v. 1, n. 70, p. 111-129, 2012.

NICK Newell. 2018. Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Nick_Newell. Acesso em: 23/07/2018.

ORIGEM da palavra “Deficiente”. 2018. HR Idiomas. Disponível em: <http://hridiomas.com.br/origem-da-palavra-deficiente/> . Acesso em: 19/07/2018.

PINHEIRO, C.; RODRIGUES, E.; AZEVEDO, Z. Rose Namajunas relembra discurso que viralizou, e vê Joanna mais tranquila. Combate. 2018. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/rose-namajuas-relembra-discurso-que-viralizou-e-ve-joanna-mais-tranquila.ghtml> . Acesso em: 23/07/2013.

RAUPP, I.; RUSSIO, M. Lutador surdo do UFC desconsidera vitória sobre Jones: 'Ainda é invicto'. 2013. Combate. Disponível em:

<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/10/lutador-surdo-do-ufc-desconsidera-vitoria-sobre-jones-ainda-e-invicto.html> . Acesso em: 19/07/2018.

RONDINELLI, P. "Você sabe o que é esporte?"; Brasil Escola. Sem Data. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/voce-sabe-que-esporte.htm>>. Acesso em 19 de julho de 2018.

ROSE N. 2018. Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Rose_Namajunas. Acesso em: 23/07/2018.

SHIMOSAKAI, R. Deficiência Intelectual e Doença Mental. Qual a diferença? 2011. Disponível em: <https://turismoadaptado.com.br/deficiencia-intelectual-e-doenca-mental/> Acesso em 19 de julho de 2018.

SILVA, A. B. de P.; PEREIRA, M. C. da C.; ZANOLLI, Maria de Lurdes. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, Jul-Set 2007, Vol. 23 n. 3, p. 279-286

SILVA, M. O. E. da. Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 13, n.1, p. 135-153, 2009

TEIXEIRA, A. R.; THEDY, R. B; BARBA, M. C. de. Sintomatologia Depressiva em Deficientes Auditivos Adultos e Idosos: Importância do Uso de Próteses. **Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 453-8, 2007.

Recebido: 11.03.2019

Aprovado: 22.07.2019